

O REPÓRTER

CURSO DE JORNALISMO UNAERP

2º SEMESTRE 2019 EDIÇÃO 5



MULHERES FORTES

Alesandra Santos (Lê) e Wanda Vasco Arena da Costa (Wandinha) são duas mulheres independentes e guerreiras que nunca se acovardaram diante dos obstáculos e desafios que a vida lhes impôs. São fortes e têm orgulho de dizer que enfrentam tudo com garra e fé, sem perder o bom humor e a alegria. Moradoras da Arnaldo Victaliano, são trabalhadoras profissionais, mães e esposas, como milhões de outras mulheres que seguem em frente e fazem suas vidas acontecer.

Página 12

RISCO AOS PEDESTRES

Ao transitar na avenida Leão XIII, via de muito movimento que liga a Maurílio Biagi à Castelo Branco, pedestres sentem falta de estrutura e sinalização.

Página 5

SAÚDE NA RIBEIRÂNIA

Hospitais, centro de saúde e maternidade com atendimento de qualidade pelo SUS fazem da Ribeirânia um bairro com atendimento aos cidadãos.

Páginas 6 e 7



AMOR AO PRÓXIMO

Moradores do Iguatemi encontram diferentes maneiras de fazer o bem e contribuir com a comunidade. ONG estende ato de solidariedade a famílias carentes de outros bairros.

Página 10



PRAÇAS À DERIVA

Áreas verdes abandonadas geram riscos à população ribeirão-pretana; moradores se mobilizam e cuidam dos espaços, mas Prefeitura aponta que essa não é a melhor solução.

Página 14

VIOLÊNCIA REGISTRADA

A Delegacia da Mulher de Ribeirão Preto funciona aqui na Ribeirânia, bairro de classe A, mas a maioria das denúncias é feita por moradoras da periferia que não têm preconceito em registrar as violências sofridas.

Página 13

COMÉRCIO FÉRTIL

No variado comércio das imediações da Unaerp e do Jardim Iguatemi, lojistas prosperam com as vendas direcionadas aos estudantes; porém outros, como a feira livre do Presidente Médici, sentem a crise.

Páginas 2, 3 e 4

OBJETOS ANTIGOS TÊM MEMÓRIAS E GUARDAM SUAS HISTÓRIAS

Uma coleção de bonecas, livros, brinquedos e tapeçarias carregam as memórias de seus proprietários. Essas e outras lembranças estão à venda em lojas de antiguidades instaladas no Iguatemi e na Nova Ribeirânia.

Página 20

NOVA RIBEIRÂNIA ABRIGA TODOS OS ÓRGÃOS DA JUSTIÇA

Para orientar sobre direitos, defender os cidadãos ou para julgá-los, a denominada Cidade Judiciária, na Nova Ribeirânia, possui órgãos e instalações de diferentes instâncias e atuações do Poder Judiciário, além das dezenas de escritórios de advocacia.

Página 8

ALIMENTOS QUE SUSTENTAM FAMÍLIAS

COMIDAS COM BAIXO CUSTO COMERCIALIZADAS EM FRENTE À UNAERP CONQUISTAM OS ESTUDANTES E SUSTENTAM FAMÍLIAS DOS VENDEDORES AMBULANTES



Joselito Santos prepara seu milho gourmet; clientes fazem filas

HELENA CAROLLI

Barraca do Milho, Artesano Pizzas e uma mesa de doces são comércios ambulantes presentes em frente à Universidade de Ribeirão Preto, a Unaerp. Junto com várias outras opções de comidas, esses três fazem sucesso entre os estudantes da Universidade. Com preços baixos, os vendedores ambulantes conseguem sua renda ali, todas as noites, durante os períodos de aulas.

No campus da Universidade também há lanchonetes, mas as que ficam do lado de fora, por terem opções mais variadas, ganham a presença dos alunos na chegada, no intervalo e na saída das aulas. A estudante de Administração, Bianca Xavier, diz que, quando chega, as bancas estão lotadas. “Eu saio e também está,

mas com razão; tudo que vendem aqui é bom e acessível à nossa renda”.

Joselito Santos Sousa, da Barraca do Milho, sustenta sua família apenas com a renda que consegue vendendo milho na Unaerp. Juntamente com o filho, ele monta sua barraca mesmo em dias de chuva e atende aos clientes com muita atenção. Quando não tem fila para atender, sobra até tempo de conversar com os fregueses. Quando a Universidade entra de férias, o vendedor faz alguns eventos na cidade. A renda é menor do que a obtida na Unaerp, mas consegue ajudar a manter a família.

Diferente do ambulante da Barraca do Milho, Amilton Forcinetti, vendedor de pizzas, tem outra fonte de renda: é professor. Apesar disso, conta que a venda de pizzas na frente da Universidade é a principal fonte de arrecadação. “Quem compra é, praticamente, só estudante”.

Assim como Joselito, o pizzaiolo procura, nas férias das aulas, outros eventos em Ribeirão Preto e em cidades da região para manter o rendimento médio.

IRRESISTÍVEL – “Tem dia que eu me convenço que não vou comprar nada, aí eu saio e vejo os docinhos... não resisto”, diz Bianca sobre os doces caseiros de Conceição Brandão. A vendedora de doces é discreta, monta sua mesinha na porta da Unaerp, juntamente com uma cadeira e uma lanterna para iluminar e ajudar os clientes na escolha dos doces.

Conceição tem a renda da venda de doces como um extra, pois trabalha em outro lugar. “O que eu recebo no outro eu pago as contas de casa e com esse aqui eu tenho um extra para aproveitar um pouco, né?”, conta. Simpática, ela chega ao seu ponto de venda - às vezes sozinha, às vezes acompanhada do marido - quase na hora do intervalo, que é quando tem mais movimento.

Em dias de chuva, o movimento diminui, mas, com exceção de Conceição - que prefere ficar em casa nesses dias, para não prejudicar os produtos -, os ambulantes estão lá à espera dos clientes. Alguns se aproveitam do “puxadinho” dos restaurantes instalados na avenida, outros montam barraca de lona e se abrigam como podem.

Com o fluxo dos estudantes nos períodos de aula e o preço dos produtos acessível aos estudantes, como ressaltou Bianca, o consumo é diário. Não tem um dia que os ambulantes ficam sem vender. Mesmo sem se dar conta, comprando um simples doce ou um pratinho de milho, os universitários ajudam famílias a obter seu sustento e viver bem.

EXPEDIENTE: O jornal comunitário “O REPÓRTER” é uma publicação do curso de Jornalismo da Unaerp. Realizado como atividade prática laboratorial das disciplinas Produção e Edição em Jornalismo II, Design Gráfico II e Fotografia, ministradas na 4ª etapa do curso, é um jornal de bairro, dirigido à Ribeirânia, Nova Ribeirânia, Jardim Iguatemi e Jardim Presidente Médici.

UNAERP - UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

Reitora Prof.^a Elmara Lucia de Oliveira Bonini

COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO

Prof. Geraldo José Santiago

EDIÇÃO - Prof.^a Elivanete Zuppolini Barbi - MTB 12.709

DESIGN GRÁFICO - Prof. João Flávio de Almeida

EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA - Prof. Cesar Mulati

REPORTAGEM E FOTOGRAFIA

Allef Araújo
Ana Feoli
Fernando Lopes
Gabriela Felici
Guilherme Pinto
Helena Carolli
Hugo Degaspari
Igor Abreu
Karla Rodrigues
Laís Garcia
Larissa Oliveira

Lauani Meira
Lucas Dias
Luís Augusto Pereira
Marcelo Carvalho
Marina Bonella
Pedro Grossi
Rassios Miranda
Tainá Lourenço
Victor Custódio
Victor Faustino
Vitória Conrado

COMÉRCIO AQUECIDO NA ARNALDO

LOJISTAS AFIRMAM QUE UNIVERSITÁRIOS AJUDAM A MANTER O FATURAMENTO NA AVENIDA



GABRIELA BASSO FELICI

Ribeirão Preto cresce a cada dia e vê cursos de graduação e pós-graduação se multiplicarem, atraindo jovens de todas as regiões. Com isso, é de se esperar que a educação tenha influência na economia municipal. Na Arnaldo Victaliano, proprietários e funcionários do comércio local comemoram o fato de que os universitários ajudam a estimular as vendas.

Maria de Fátima da Silva Santos, 52 anos, é sócia proprietária da Mercearia Iguatemi, na Arnaldo. Ela conta que tem comércio há 15 anos com o seu marido e filhos e as vendas são totalmente focadas nos estudantes. Tanto é que nos meses de julho, dezembro e janeiro as vendas são mais fracas e é preciso ter feito uma reserva para cobrir os gastos. “A partir de fevereiro até junho temos movimento. Depois fica praticamente parado e volta em agosto junto com os estudantes”, diz Maria de Fátima.

A comerciante afirma que 90% dos clientes são estudantes da Unaerp e a maior vantagem de ter sua mercearia ali é que sempre haverá estudantes na

rua Arnaldo Victaliano. “Tudo que os alunos pedem a gente procura ter. Eu acho que todos os comércios daqui são focados nos estudantes. É um público bom, são muito bonzinhos e acabamos fazendo amizade”, conta.

BONS FREGUESES – Stella Lisboa Jorge, 36 anos, também tem comércio na Arnaldo há quase sete anos, o salão de beleza Espaço Stella Lisboa, e conta que sempre gostou do ponto por se tratar de uma rua bem movimentada, ter muitos estudantes, além dos moradores dos bairros Iguatemi e Ribeirão.

A cabeleireira explica que seu público formado por estudantes é grande, mas não maior do que aquele formado pelos moradores do bairro. “Os estudantes voltam para a cidade natal, vão no salão de lá, têm férias, feriado, e também eles não têm tanto dinheiro disponível para estar no salão toda semana. Mas, é um público ótimo, não tenho do que reclamar não”.

O pior período, segundo Stella, é na época de carnaval, março, abril e maio, pois os estudantes gastam com mudança, matrícula e materiais. Já o mês de

janeiro tem muitas formaturas, o que aumenta o movimento. “Eu trabalho com um preço bem acessível. Quando o pessoal junta família para vir aqui, a gente sempre fecha um pacote com preço melhor.” Stella considera a localização do salão muito boa, pois ter estudantes por perto sempre agrega, mesmo com a concorrência crescente do comércio na rua Arnaldo Victaliano.

CLIENTES FIEIS – Bruna Hayashi, de 24 anos, é vendedora há sete anos na loja de roupas e acessórios Cristal, que há 11 está localizada na Arnaldo Victaliano. Segundo ela, os estudantes ajudam nas vendas, mas não são maioria, formando apenas 30% dos consumidores da loja.

A vendedora diz que no meio do ano as vendas costumam cair. “Abaixa um pouco porque acho que todo mundo entra de férias. Não só os estudantes, mas as famílias também. Dá uma caidinha em junho e julho.”

Segundo Bruna, o mês com mais vendas é dezembro e o público estudante costuma ser muito bom para a loja, apesar de não gastar muito. “Eles pagam direitinho, a maioria dos estudantes que vem aqui são os mesmos. É um bom público. Eles não gastam muito, geralmente é presentinho, às vezes uma roupinha para ir num churrasco, numa balada.”

Para a vendedora, a maior vantagem de ter o comércio na Arnaldo é o movimento e a clientela fiel. Ela conta que os clientes sempre voltam, alguns desde o começo da loja. Com a construção de prédios novos a cada temporada e a inauguração do Hospital São Francisco, Bruna espera ter cada vez mais movimento, já que ela não pretende sair da Arnaldo Victaliano tão cedo.



FEIRA NO PRESIDENTE MÉDICI SENTE A CRISE

NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS, O MOVIMENTO CAIU 60%, MAS OS FEIRANTES NÃO PERDEM A ESPERANÇA

LUCAS DIAS

Pequenos comércios e feira noturna na região do bairro Jardim Presidente Médici têm queda no movimento. De cada dez pessoas que iam à feira, seis deixaram de ir. Comerciantes e feirantes também constataram que, atualmente, a clientela compra menos. Para os feirantes, a esperança de melhora é depositada em futuros planos econômicos do governo.

Estabelecida no bairro há mais de 30 anos, a feira noturna do Presidente Médici passou por uma queda significativa na quantidade de barracas, uma vez que, segundo Antônio Carlos Ferreira, feirante há dez anos no bairro, as barracas que ocupavam mais de três quarteirões, hoje ficam restritas a apenas um. “Caiu bem o movimento, lembro que quando iniciei aqui, em 2009, era muita gente e muitas barracas. Mas acredito ser um reflexo das tecnologias também. Infelizmente, a feira está ficando de lado, não é só política e crise econômica. É insegurança, tem muito crime e as pessoas dessa nova geração não gostam tanto de sair de casa”.

Claudomiro Teixeira, de 55 anos, também é feirante e trabalha há 22 anos no Presidente Médici. Segundo ele, há esperança de melhoria com o atual governo, mas apenas em um mandato não existem condições de mudanças significativas. “Não teve alteração do ano passado para este. Anos bons ficaram de 2009 para trás. Depois só caiu”. Ainda de acordo com Teixeira, o direcionamento do atual governo precisa ser mantido por mais duas ou três eleições, somente assim, para o feirante, as vendas voltarão ao crescente desejado.

Fazendo a feira desde criança, Cesar Rossi continua no ramo dos pais. Começou a feira noturna do Médici em 1993 e diz que o início do primei-



Clientes escolhem produtos em barraca no Médici

ro governo Lula foi de bons frutos. “Os primeiros anos do governo PT foram muito bons para todos. Depois veio decaindo, como um efeito dominó. Tanto para comprar quanto para vender a gente sentiu uma piora na situação”. Rossi ainda relata que a quantidade de clientes diminuiu bastante e os fregueses levam bem menos do que costumavam levar anos atrás. “A feira noturna costuma ter um público mais jovem, que vem mais para andar, conhecer, mais curiosos, como é aqui no Presidente Médici. Já feiras na parte da manhã, o público é mais de idosos, clientes mais fiéis. Compram um pouco mais, porém bem abaixo do que há dez ou quinze anos”, completa o feirante.

ESPERANÇA E NOSTALGIA – Nislei e Istela Regina Batista estão animados. O casal mudou de ramo nos últimos cinco meses. Deixaram um lava a jato e montaram uma barraca de queijos e vinhos que vão dos mais simples aos gourmets. A esperança é que as vendas continuem a crescer para que haja a manutenção do novo ganha pão da família. “Não teve estudo de campo, nem dica ou qualquer outra coisa. Surgiu a oportunidade no ramo, como eu já estava cansado do lava a jato, compramos a Kombi e estamos batalhando”, dizem os novos feirantes.

Márcia Nelis, de 69 anos, frequenta a feira sempre que pode. “Quase

toda terça eu venho comer um pastel, comprar frutas ou alguma coisa para a janta, fresquinho. É bom”. A dentista aposentada ainda ressalta a diferença do que encontra na feira hoje com o que via antigamente. “A gente lembra que antes havia mais pessoas. Aqueles carrinhos de feira, de alumínio, cheios, o povo comprando mesmo. Hoje é menos. Mas, pelo menos uma passadinha eu gosto de dar”.

Para Márcia, tanto a crise quanto a nova juventude colaboraram para o esvaziamento da feira. “Tem um pouco de tudo, os jovens não ligam muito para essas tradições. E também, com essas crise e brigas políticas, fica difícil gastar muito”, finaliza.

Os pequenos comércios do bairro também compartilham da visão dos feirantes. Sandra de Oliveira possui um mercadinho e diz que o movimento já foi melhor. “Quando decidi investir o pouco que tinha no mercado, a procura era bem maior, mas ainda não está tão ruim. São sete anos aqui e com a movimentação de estudantes sempre tem um povo comprando”.

A feira noturna do Presidente Médici acontece todas as terças-feiras, a partir das 16h, nas ruas Marino Patrelini com Valentim Mestriner. Conta com cerca de 15 barracas, entre as quais é possível comprar frutas, legumes, queijos, vinhos, garapa, pastéis, além de outros produtos.

CAMINHOS PERIGOSOS NA LEÃO XIII

PEDESTRES CORREM RISCOS AO TRANSITAR PELA MOVIMENTADA AVENIDA QUE CORTA A RIBEIRÂNIA

ALLEF ARAÚJO

A avenida Leão XIII é uma importante via de acesso aos bairros da Zona Leste de Ribeirão Preto. No seu entorno há a Universidade de Ribeirão Preto, hospitais, comércios, residências e um grande problema: a falta de sinalização e estrutura para pedestres.

A avenida tem um grande fluxo de estudantes, moradores, trabalhadores e usuários do transporte público, especialmente idosos e portadores de deficiência que recorrem aos diversos serviços prestados pela Unaerp e pelo centro de atendimento em saúde São Francisco. Essa população transita na avenida e utiliza também os pontos de ônibus ali instalados.

Por ser extensa e com pouca sinalização, a avenida transforma-se em perigo nos horários de pico. É comum motoristas não respeitarem a única faixa de pedestre disponível e transitarem em alta velocidade. “O pedestre arrisca sua vida para tentar se locomover pela avenida”, diz Flávio Marquezoni, arquiteto formado pela USP de São Carlos e professor de Arquitetura e Urbanismo na Unaerp. “Existe uma norma de acessibilidade chamada NBR 9050, que estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados no projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos e condições de acessibilidade”, conta o arquiteto.

Essa normativa, segundo Marquezoni, é destinada a garantir a melhor utilização dos espaços urbanos à maior quantidade possível de pessoas, independente de idade, estatura ou limitação de mobilidade ou percepção. O objetivo é que os cidadãos usem de maneira autônoma e com segurança os diferentes ambientes, as edificações, o mobiliário, os elementos e equipamentos urbanos. “Ela também é a única exigência – quando os arquitetos fazem um registro de atividade profissional, a qual chamamos de RRT e os engenheiros de ART – que os arquitetos têm que assinar, atestando se aquele projeto cumpre as normas da NBR 9050”, explica.

Sem manutenção adequada de calçadas, que ficam intransitáveis com o mato alto, buracos e desníveis, a Leão XIII não atende essa normativa e torna-



Em horários de pico, trânsito é intenso na Avenida Leão XIII

-se uma aventura perigosa para os que se arriscam a caminhar por ela. Com um carrinho de compras, usado numa atividade cotidiana, já há dificuldade em transitar pelo local. No caso de um cadeirante, uma pessoa idosa, ou uma mãe com seu filho em um carrinho de bebê tornam-se alvos preferenciais de possíveis acidentes.

QUEDA NA AVENIDA – Para a estudante e moradora da Ribeirânia, Bianca Goldfard, na maioria das vezes em que transita pela Leão XIII e em horário de pico, a principal reclamação é a falta de faixas e de semáforos. Ela também reclama dos matos altos nos canteiros.

Bianca diz que a prefeitura deveria cortar o mato no canteiro central, fazer um estudo para introduzir mais faixas de pedestres e, para melhorar o fluxo na avenida, introduzir semáforos acionáveis pelos próprios pedestres, os chamados semáforos com passagem de pedestres.

A estudante afirma ter presenciado, certa vez, a queda de um senhor que

tentava atravessar a avenida. Segundo a estudante, havia carros descendo a avenida em velocidade média, mas se estivessem um pouco mais rápidos, com certeza, o incidente teria sido algo mais grave.

O cidadão pode reivindicar junto à Prefeitura melhorias para toda a extensão da avenida. O professor Marquezoni afirma que é direito do ribeirãopretano exigir melhorias para nossa cidade, seja em praças, parques, ruas e avenidas. “O cidadão paga seus impostos, que não são baratos, e deve receber todo o amparo da Prefeitura. Por isso, ele deve ir, sim, à Prefeitura cobrar aqueles que deveriam nos representar, deve ir até à Câmara Municipal e participar das reuniões sobre mobilidade urbana. O cidadão tem que ter consciência do que acontece na cidade, seja em questão de saúde pública, mobilidade, transportes ou qualquer outro assunto que envolva o bem estar dele”, conclui o arquiteto.

ESPERA DE MINUTOS A MESES

A RIBEIRÂNIA TEM HOJE TRÊS ATENDIMENTOS DE SAÚDE DISPONÍVEIS AOS MORADORES DA REGIÃO

HUGO DEGASPARI REIS

A Ribeirânia conta com dois hospitais, o Electro Bonini, o Hospital Ribeirânia. Mais recentemente, recebeu também o centro médico São Francisco. A nova instalação trouxe resultados para a região. Além de movimento e iluminação na Avenida Leão XIII, os moradores podem ser atendidos mais facilmente e a demanda dos conveniados também foi melhor distribuída, gerando qualidade no atendimento.

O acesso ao tratamento de saúde é uma garantia prevista no Artigo 196 da Constituição Brasileira e é dever do Estado assegurar a qualidade e o cumprimento desse direito. A saúde pública, fornecida pelo Sistema Único de Saúde, o SUS, atende aproximadamente 75% da população. São 150 milhões de brasileiros que dependem única e exclusivamente desse sistema. Portanto, ainda que precário, é um recurso universal e disponível à população.

Uma das principais reclamações dos pacientes do SUS é o tempo de espera pelo atendimento. Mas, nesse item também há queixas nos planos privados de saúde, embora esses apresentem resultados melhores nos padrões do atendimento, já que o investem mais em qualidade.

Os planos de saúde movimentam um alto volume de capital, aproximadamente 90 bilhões de reais por ano,



No Brasil, apenas 25% da população tem acesso a serviço de saúde privado

para atender os 25% da população que possuem convênio.

TEMPO DE ESPERA – Para verificar o tempo de atendimento dos serviços de saúde instalados na Ribeirânia, esta reportagem realizou uma medição e apurou que o Hospital Ribeirânia demora, em média, 23 minutos no processo de triagem. Vale ressaltar que, mesmo sendo um hospital privado, é crime negar atendimento em casos de emergência, ainda que o paciente não tenha plano de saúde. Em contrapartida, nesses casos, a consulta custa R\$ 219 no período das 7 às 19 horas. No atendimento noturno, o paciente precisará desembolsar R\$ 259 e, em casos de ortopedia, R\$ 319.

Um morador, que reside na Nova Ribeirânia há 30 anos, ressalva os benefícios de ter acesso a três unidades de Pronto Atendimento no bairro. “A gente fica mais tranquilo”.

Com a chegada da nova unidade do São Francisco, na avenida Leão XIII, a possibilidade de atendimento aos moradores aumentou. Antes, conveniados ao grupo precisavam se deslocar até às imediações do centro da cidade para receber atendimento. Havia um acúmulo de pacientes, pouco espaço e demora considerada excessiva pela maioria dos conveniados.

Hoje, na nova unidade, a triagem leva em média dez minutos e há maior rapidez também na realização de exames e procedimentos ambulatoriais. Além disso, há uma preocupação maior com o atendimento dispensado pelos funcionários, que são cordiais, transmitindo uma sensação de segurança e credibilidade. Porém, se o paciente não for credenciado ao convênio terá que pagar R\$ 350 para uma consulta no período diurno, das 7 às 19 horas, ou R\$ 450 se a emergência ocorrer à noite.

Já o paciente que não possui convênio e não dispõe de dinheiro para pagar o atendimento emergencial deve se dirigir à UPA da avenida Treze de Maio. Mesmo no Hospital Electro Bonini, que atende pacientes encaminhados pelo SUS, as consultas e procedimentos são eletivos, ou seja, são agendados previamente pela própria triagem da Secretaria.

Algumas especialidades como neurologia e gastrologia, levam, aproximadamente, dois meses de espera, enquanto casos de ortopedia demoram de oito meses a um ano. No dia marcado, os pacientes podem chegar com 30 minutos de antecedência e o atendimento acontece em ordem de chegada. Há dois blocos de agendamento: às 8 horas e às 13 horas. Quanto à maternidade, é disponibilizado acompanhamento a partir da 36ª semana de gestação e, neste caso, os pacientes possuem acesso livre ao serviço (Veja reportagem na pág. 7).



Em hospitais que oferecem atendimento pelo SUS, a espera é de dois meses a um ano

PARTO COM LUXO E QUALIDADE

MATERNIDADE CIDINHA BONINI OFERECE ATENDIMENTO DE ALTO NÍVEL PARA PACIENTES DO SUS

LARISSA OLIVEIRA E
GUILHERME PINTO

Gestantes que procuram um atendimento humanizado, em uma maternidade que disponibiliza acolhimento, equipe completa, quartos individuais e que podem ser adaptados ao trabalho de parto, dificilmente podem imaginar que isso tudo é possível pelo SUS – Sistema Único de Saúde. Mas, a Maternidade Cidinha Bonini, do Hospital Electro Bonini, na Ribeirânia, atende pacientes encaminhadas pelo Projeto Nascer e oferece todas essas condições e ainda mais. Salas de parto, salas especiais de pré-parto, salas de aleitamento e especialização em nascimento humanizado são suportes para as gestantes que buscam essa Maternidade.

Segundo a diretora, a médica obstetra Claudia de Oliveira Baraldi, o parto humanizado não é, em si, um tipo, mas sim, a humanização no tratamento das pacientes que, acima de tudo, possuem a livre escolha no nascimento do bebê. Esse parto significa “respeitar o desejo da paciente e dar as condições necessárias para que ela passe por aquele momento”, afirma a médica.

A parturiente pode optar pela dieta alimentar e pelo acompanhante que ficará com ela durante todo o processo. Também pode escolher a posição que preferir para o momento do nascimento do seu filho. Outro benefício da hu-



Claudia Bavaldi, diretora da Maternidade, em um dos quartos de preparação para o parto

manização é a possibilidade de maior contato com o bebê, salvo em caso de necessidade de intervenção médica.

Essa humanização acontece desde o acolhimento da paciente até a sua alta, de diferentes formas. A gestante pode optar ou não pela anestesia, por controles não farmacológicos com a utilização de massagens, bolas e exercícios de agachamento, movimentações estas que suavizam a intensidade da dor.

Arinalva dos Santos, com 38 semanas de gravidez, diz que pediu para ser encaminhada para a Maternidade Cidinha Bonini assim que surgiu uma vaga. Segundo ela, o atendimento recebido tem sido um dos melhores, com uma boa estrutura e todos os exames feitos em dia.

PROJETO NASCER - Com contrato com a Prefeitura de Ribeirão Preto para prestar assistência às pacientes da cidade, a unidade trabalha com o Projeto

Nascer, no qual as gestantes escolhem, a partir da trigésima sexta semana de gestação, para qual maternidade desejam ser encaminhadas. Esse encaminhamento depende tanto do número de vagas quanto da estratificação de risco, que no caso da Unaerp é baixa. Quem gerencia o Projeto é a Secretaria Municipal de Saúde.

O agendamento fica por conta da Secretaria e as gestantes possuem consultas semanais, acolhimento, orientações e, caso desejarem, a possibilidade de visitas à maternidade e conhecimento da equipe que atua ali. O atendimento é 24 horas por dia.

A meta estipulada pela Prefeitura no início do funcionamento desse serviço de saúde era de 70 partos por mês, mas, nos últimos dois anos, ocorreram mais de 120 nascimentos na Cidinha Bonini, sendo em média 35% de cesáreas e o restante normal.

LUZ, MOBILIDADE E SEGURANÇA

NOVO CENTRO MÉDICO NA RIBEIRÂNIA TRAZ BENEFÍCIOS A PEDESTRES E MORADORES DA VIZINHANÇA

MARINA BONELLA

Meses atrás, onde hoje é o atual centro médico São Francisco, na avenida Leão XIII, esquina com a rua Pedro Pegoraro, havia um prédio fechado. O local tinha lixo, insetos, pouca iluminação e causava problemas aos pedestres.

Após a construção do posto de atendimento São Francisco, as pessoas que transitam pela região apontam que a segurança, a iluminação e a limpeza são pontos positivos que a obra trouxe.

De acordo com Gabriel Theodoro, estudante e morador das imediações, ir para a universidade deixou de ser um problema. “Hoje me sinto muito mais à vontade e seguro por conta da ilumi-

nação e movimentação, ainda mais por estudar à noite”.

Na edição do ano passado desse “**O Repórter**” foi publicada uma matéria sobre a situação precária do espaço onde, anteriormente, funcionava uma loja de materiais de construção que se transferiu de endereço, deixando atrás de si ares de abandono. Os pedestres tinham medo de circular por ali, inclusive os que tomam ônibus no ponto em frente ao local.

Adriana Cristina de Souza Silva, usuária de ônibus, afirma que o ponto que utiliza na avenida Leão XIII era muito escuro e o sentimento era de medo. Segundo ela, a sensação de mais segurança melhorou por conta da iluminação e do movimento.

O segurança que atua em uma das portarias da Unaerp, localizada ao lado do centro médico, que prefere não se identificar, afirma que percebeu uma maior movimentação, não só de estudantes, mas também de famílias da região. O profissional complementa dizendo que notou um aumento da vigilância policial na área. “De uns meses para cá, as viaturas da polícia começaram a passar mais por aqui”. O posto de trabalho desse profissional é na portaria da Universidade, localizada na lateral da unidade médica.

Além disso, o calçamento e a iluminação no entorno do novo prédio garantem tranquilidade aos moradores, estudantes e transeuntes que passam na Pedro Pegoraro com a Leão XIII.

JUDICIÁRIO REPRESENTADO NA NOVA RIBEIRÂNIA

CONHECIDO COMO CIDADE JUDICIÁRIA, BAIRRO ABRIGA INSTÂNCIAS DA JUSTIÇA BRASILEIRA



LUÍS AUGUSTO PEREIRA

O poder no Brasil é dividido em Executivo, Legislativo e Judiciário, sendo este último responsável por resolver conflitos apresentados com base nos códigos vigentes, votados pelo Legislativo e promulgados pelo Executivo. A estrutura judicial é composta pelos órgãos julgadores, divididos em instâncias.

A primeira instância, comumente chamada de “vara”, tem por responsável apenas um juiz, que analisa o processo, baseando-se na apresentação de provas da defesa e acusação dos envolvidos. Acusador e defensor são chamados de partes.

A segunda instância, os tribunais, é formada por colegiados com poder de julgamento, compostos pelos desembargadores.

Existem duas esferas em que os processos são julgados: a Federal, formada pelas varas federais e Tribunais Regionais Federais; e a Estadual, composta pelos juízes estaduais e os Tribunais de Justiça.

Essas duas esferas do Poder Judiciário estão presentes em Ribeirão Preto, na Nova Ribeirânia. O Fórum de Ribeirão Preto, localizado na rua Alice Alem Saadi, 1010, abriga a primeira instância da Justiça Estadual. Em outro prédio, ali perto do Fórum, na rua Afonso Taranto, 455, funciona a Justiça Federal de Primeiro Grau paulista.

A Justiça Federal de Primeiro Grau paranaense, a 13ª Vara Federal de Curitiba, comandada pelo agora ministro da Justiça, Sérgio Moro, foi a instância que julgou o ex-presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, após uma denúncia oferecida pelo Ministério Público. Logo após ser sentenciado, questionando a decisão do magistrado, a defesa recorreu ao Tribunal Regional Federal da 4ª região (TRF-4), sediado em Porto Alegre. Nesse recurso à 2ª instância, julgado pelo colegiado composto por três desembargadores, Lula teve sua sentença confirmada e sua pena aumentada de 9 para 12 anos.

Os advogados do ex-presidente foram, então, à 3ª instância. O STJ – Superior Tribunal de Justiça, por meio do entendimento dos ministros que compõem esse colegiado, diminuiu o tempo de prisão de doze para oito anos. Essa alteração abriu a possibilidade de prisão em regime semiaberto, após o cumprimento de um sexto da pena.

MÁXIMA INSTÂNCIA – Por fim, no topo da terceira instância, formado por ministros, está o Supremo Tribunal Federal (STF), que tem a prerrogativa do controle de constitucionalidade. No momento, uma de suas pautas é apreciar o impedimento do ex-juiz Sérgio Moro no caso Tríplice do Guarujá. O recurso encontra mais força devido à conversas reveladas pelo portal The In-

tercept Brasil e outros veículos no caso da Vaza-Jato.

Instância máxima da Justiça brasileira, o STF foi o órgão que, entre outras centenas de decisões, deu legalidade à união homoafetiva e declarou possível a prisão em segunda instância, reinterpretando o artigo 5º, inciso LVII, da Constituição Federal que diz: “ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória”. O tema foi debatido novamente em outubro e novembro deste ano.

Todos esses órgãos julgadores só agem quando provocados, nunca de ofício, ou seja, nunca por iniciativa própria. É necessário que algum órgão, por exemplo, o Ministério Público, ofereça uma denúncia.

Ao lado dessa Justiça denominada de comum, existe a justiça especializada, que obedece basicamente a mesma estrutura. Nesta, são analisadas matérias específicas, como, por exemplo, processos militares, eleitorais e trabalhistas. Em Ribeirão Preto, na rua Afonso Taranto, 105, funciona o Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região.

Todas essas definições estão norteadas pelo texto constitucional, entre os Artigos 92 a 126.

Presentes na Constituição, existem também mecanismos que permitem que os cidadãos acionem o Poder Judiciário, já que este somente pode agir se provocado.

CIDADÃOS PODEM ACIONAR A JUSTIÇA

As funções essenciais à Justiça são mecanismos que podem ser acionados pelos cidadãos para se ter acesso à ela.

■ O primeiro sistema de acionamento da Justiça é o Ministério Público, que tem por missão a defesa da harmonia do conjunto de leis – impedindo que uma desrespeite outra. Esse conjunto, denominado Direitos Individuais Indisponíveis, é aquele dos quais as pessoas não podem abrir mão, como o direito à saúde, direitos sociais, entre outros.

■ Outro órgão de acesso é a Defensoria Pública, que promove os Direitos Humanos, Direitos Coletivos e Individuais, além de fazer orientação jurídica gratuita, desde que falem recursos para a contratação de advogados particulares.

■ A Advocacia exercida por profissionais do Direito, com inscrições na Organização dos Advogados do Brasil (OAB), é a terceira forma que garante ao cidadão acessar a Justiça.

■ Há, também, a Advocacia Geral da União para defender os interesses da União, Municípios e Estados.

■ Para que se dê início a um processo, a pessoa que quer acionar a Justiça deve encaminhar um documento chamado petição ao órgão judiciário competente que julgará procedente ou não dar prosseguimento. A peça inicial apresentada pelo Ministério Público, por exemplo, é chamada denúncia e pode ter que contar com a manifestação de interesse da pessoa que teve seu direito agredido ou não, para dar início ao processo.



MORADORES INVESTEM NA PRÓPRIA SEGURANÇA

UM QUADRILÁTERO NA RIBEIRÂNIA, PRÓXIMO À SANTA TEREZINHA DOUTORA, TEM EQUIPAMENTOS E RUAS MONITORADAS

VITÓRIA CONRADO

Na Ribeirânia, no quadrilátero entre as ruas Major Avelino Palma e as Avenidas Costabile Romano, Maurílio Biagi e Presidente Kennedy, o uso de equipamentos de vigilância nas ruas é muito comum. Entre dez casas, nove têm pelo menos alguma forma de proteção, como câmeras de vigilância internas, externas, alarmes e uso de cer-

ca elétrica nos muros que, na maioria, são muito altos, sem aberturas que tornem as casas visíveis pelo lado de fora.

Algumas ruas também contam com segurança terceirizada ou com um profissional de ronda com moto. Outras têm monitoramento de câmeras inteligentes conectadas a um banco de dados com placas de carros e outras informações.

O sistema emite um sinal de alerta quando detecta uma placa ou um veículo suspeito circulando pelas imediações. Esse aviso é encaminhado ao grupo formado pelos moradores no aplicativo de conversa WhatsApp, no qual os próprios vizinhos estão mobilizados e trocam informações sobre a movimentação na rua.

A moradora Cristina Bataglini, da rua Abraham Isaac Alach, afirma que, por já ter sido assaltada, agora só se sente segura por conta do monitoramento de suas câmeras internas, cercas elétricas, grupo de WhatsApp e pelo segurança que monitora a rua, principalmente no período da noite.

Outro residente nas imediações, Wilson Filomensquy, morador do bairro há 32 anos, considera-o seguro durante o dia por conta da união dos vizinhos no grupo de WhatsApp. Mesmo assim, utiliza câmeras internas e externas, cercas e a terceirização com ronda externa. Nunca foi assaltado, porém recentemente fez melhorias em sua casa para deixá-la mais segura.

Ao contrário de seus vizinhos que se sentem seguros graças aos recursos de segurança adotados, Ana Oliveira, moradora no bairro há nove meses, diz se sentir desprotegida pela falta de iluminação. Sua casa tem todos os equipamentos de vigilância, mas somente com a segurança terceirizada, presente na sua rua, ela consegue chegar em casa um pouco mais tranquila. Apesar da necessidade de tantos recursos e equipamentos de monitoramento 24 horas, os moradores do quadrilátero consideram a Ribeirânia um bairro bom e pacífico para se viver.



Ruas com monitoramento 24 horas garantem tranquilidade a moradores

EMPATIA COLOCADA EM PRÁTICA

PRESIDENTE MÉDICI E JARDIM IGUATEMI SEDIAM AÇÕES VOLUNTÁRIAS BENEFICENTES

LAUANI MEIRA

Juntar lacres de latas de refrigerante, cartelas vazias de comprimidos, tampinhas plásticas, além de auxiliar na confecção de perucas para mulheres que estão em tratamento de câncer, por meio de arrecadação e doação de cabelos. Essa foi a forma que Maria Inês Moura, moradora do Presidente Médici, encontrou para ajudar o próximo.

Em um ou dois meses, Inês consegue completar 140 garrafas PET cheias de lacres, o que dá 400 kg, e leva tudo ao Hospital de Câncer de Ribeirão Preto, unidade que realiza, mensalmente, cerca de 700 atendimentos gratuitos e sobrevive, principalmente, de doações da comunidade. O dinheiro da venda dos objetos entregues é utilizado como auxílio na manutenção dos serviços oferecidos pelo hospital. Já as perucas confeccionadas com os cabelos doados são entregues, gratuitamente, às pacientes.

A aposentada não realiza o trabalho sozinha. Além do marido, vizinhos e moradores de outros bairros também contribuem com as arrecadações. Para ela, perceber a felicidade do próximo é motivo de enorme prazer. “É uma sensação de dever cumprido. Prefiro esses lacres a ganhar na loteria”, comenta.

A disposição em ajudar sempre fez parte da vida de Inês. Ela também faz gorros e chapéus de lã, entregues a

pacientes que estão em tratamento no mesmo Hospital do Câncer, além de, um tempo atrás, já ter ajudado na confecção de sapatinhos para a entidade Cantinho do Céu.

Aqueles que sabem de seu trabalho com o tricô doam a lã, e ela, a mão de obra. “É algo que vem do coração. Faço isso simplesmente por gostar. Não preciso saber para quem vai, apenas quero ajudar”, explica.

Além disso, Inês também foi uma das responsáveis pela restauração da praça Júlia Papa Rosa Jamal, localizada no cruzamento das ruas Antonieta Rigobelo Canesin e Dr. Joaquim Estanislau de Gusmão. Antes abandonado e tomado pelo mato alto, o local agora possui até um jardim.

REALIDADE COLORIDA – Aos poucos, graças ao trabalho da aposentada e outra vizinha, Ana Lúcia Guedes, o lixo jogado no local foi recolhido e pneus antigos pintados e transformados em vasos para as flores. Após grande esforço e dedicação, o cenário de abandono deu lugar a uma realidade colorida, com muitas plantas e decoração.

Atualmente, a praça recebe frequentadores e chama tanto a atenção que muitas mães vão ao local apenas para tirar fotos dos filhos. Os resultados enchem de orgulho Maria Inês e seu marido, Reinaldo Moura, que também ajudou na limpeza. “O jardim é nossa sala de visitas e sempre que recebemos um

parente ou amigo ficamos conversando na pracinha. É como se fosse nossa própria casa”, conta ele.

Na mesma rua, a cabelereira Rogéria Rodrigues é outro exemplo de pessoa que se dedica a fazer o bem. Há cerca de cinco meses, mesmo em meio à correria do trabalho no seu salão de beleza, ela tem reservado um tempo para ajudar pessoas de baixa renda, sempre que fica sabendo da necessidade. “Não há dinheiro que pague a satisfação de fazer alguém feliz”, define.

Esse sentimento justifica a dedicação ao próximo. Por meio das redes sociais, principalmente WhatsApp e um pouco no Facebook, Rogéria pede doações. Clientes e amigos doam alimentos, roupinhas de bebê, entre outros itens, destinados a pessoas carentes.

Além disso, a cabelereira contribuiu, com o auxílio de uma instituição religiosa, para a internação de uma vizinha que sofria com a dependência química. A igreja colaborou com uma parte dos custos do tratamento, e ela, por meio de contribuições de outras pessoas, com o restante. A vontade de ajudar o próximo nasceu por influência da mãe, que sempre se dedicou à realização de ações sociais.

Não muito distante dali, outra praça limpa e bem cuidada chama a atenção, até mesmo desta reportagem. Não é preciso investigar muito para descobrir outra ação social interessante, agora no Jardim Iguatemi.



Inês recebe ajuda do marido e outros moradores na arrecadação de lacres, cartelas de comprimidos vazias e tampas plásticas

TRABALHO DE FORMIGUINHA –

Há cerca de um ano e meio, alguns moradores, insatisfeitos com a situação de abandono da Praça Vereador Arthur Franklin de Almeida, localizada entre as ruas Antônio Mondy, José Barillari, Alfredo Benzoni e Albino Gonçalves, resolveram se unir e mudar a realidade do local. A princípio, a mobilização tinha como objetivo algo bem simples: fazer do ambiente um lugar agradável para o convívio. Mas, eles foram além.

Os moradores decidiram, assim como Inês e Ana Lúcia, colocar a mão na massa e restaurar a praça. Com trabalho de “formiguinha”, a realidade do local, que antes sofria com a depreciação, tornava-se outra. Os bancos e o chão foram pintados, árvores foram plantadas e latas de tinta usadas, transformadas em lixeiras. Até mesmo as condições de acesso à pracinha melhoraram.

Algumas rampas de acessibilidade, que antes possuíam uma pequena diferença de altura entre a calçada e a rua, o que dificultava a locomoção de pessoas cadeirantes, foram consertadas. Materiais utilizados no trabalho de restauração do local, como tintas, cimento, corpos de prova e as latas usadas na construção das lixeiras foram obtidos por meio de doações. “O objetivo é manter a pracinha organizada e vender a ideia para que outras pessoas também ajudem na manutenção do local, o que é o mais difícil”, afirma o aposentado Wagner Teles, um dos precursores da ação.

AMIGOS FAZEM O BEM – O Jardim Iguatemi abriga também outra iniciativa de um grupo de pessoas que, há



Morador do Jardim Aeroporto recebe doação da ONG Amigos que Fazem o Bem

cerca de dois anos, resolveu se unir em prol de uma causa comum. Com o apoio de aproximadamente 90 voluntários, a recém-fundada ONG “Amigos que fazem o bem de Ribeirão Preto”, divulga as demandas e recebe doações que são encaminhadas a pessoas e famílias necessitadas.

Com sede na rua Antônio Pagano, 261, a ONG realiza a doação mensal de cem cestas básicas a duas comunidades da cidade: a Vila Esperança, no Parque Ribeirão e a Comunidade dos Postes, no Jardim Aeroporto. O trabalho se estende também a famílias com pessoas doentes ou desempregadas na cidade.

Vanda Pereira, fundadora e coordenadora da ONG, explica que a iniciativa surgiu em outubro de 2017, numa

conversa entre amigos, que decidiram entregar dez cestas básicas, montadas em seu próprio apartamento, a famílias carentes. Mas, outras pessoas foram se interessando pela causa e o trabalho cresceu. Com o decorrer dos meses, as arrecadações de alimentos aumentaram e a gratidão dos envolvidos também.

“Quando chegamos na casa de uma família, parece que vou explodir de tanta felicidade. As crianças me abraçam, me beijam e agradecem a bolacha que recebem na cesta. Outros dizem que vão rezar pela gente. Você quer um retorno melhor que esse?”

As doações incluem também outros itens, como roupas, brinquedos e leites especiais. A lista de alimentos necessários para compor as cestas é divulgada nas redes sociais do grupo e as doações podem ser entregues em pontos de arrecadação espalhados pela cidade, como a própria sede da iniciativa.

Segundo a psicóloga Gisele de Machado da Silva Carita, doutora em Psicologia pela USP, a disposição de algumas pessoas em ajudar outras pode ser caracterizada por motivações distintas, como questões autocentradas ou aspectos não egoístas, quando nos colocamos no lugar do próximo.

“O estudo das condutas generosas se refere ao comportamento pró-social, que tem como finalidade beneficiar alguém”. Para a psicóloga, esse benefício pode ser motivado pela busca de satisfação pessoal, alívio de tensões internas, aumento da autoestima ou algum outro ganho em troca. Mas, há também os que possuem um comportamento altruísta. Nesse caso, “a motivação é decorrente do desejo exclusivo de aliviar a dor ou o sofrimento do outro, gerando o seu bem-estar”, explica a profissional.



ONG distribuiu doces e brinquedos a crianças carentes

“SER MULHER É COISA SÉRIA”

HISTÓRIAS CONTADAS POR MULHERES DO JARDIM IGUATEMI REVELAM CAPACIDADE DE SUPERAÇÃO



Sozinha, Wanda superou dificuldades e criou uma filha que hoje mora no exterior

LAÍS GARCIA

Alessandra Santos, 41 anos, viúva, mãe de três filhas que criou praticamente sozinha, trabalhou como doméstica até conseguir o cargo de porteira em um condomínio e lá permanece há 18 anos. Aliás, a única mulher a ocupar o cargo até hoje naquele residencial. Wanda Vasco Arena da Costa, 59 anos, enfermeira, ficou viúva quando estava grávida de dois meses de sua única filha, enfrentou muitos problemas judiciais com a família do companheiro, perdeu a mãe e a avó, e nunca mais se casou. Criou a filha sozinha, que fez faculdade e hoje mora na Nova Zelândia.

Chamadas pelos íntimos de Lê e Wandinha, ambas foram criadas em cidades do interior: Lê, em Alagoas e Wandinha, no estado de São Paulo. Por isso, afirmam que tiveram uma infância livre e feliz e se consideram mulheres fortes. Souberam enfrentar os desafios impostos pela vida com coragem e determinação.

Lê conta que brincava na rua, nadava no rio e participava das festas da cidade. Wandinha também brincava na rua,

mas era mais “moleca”, gostava de brincar de bolinha de gude com os meninos. Aliás, segundo ela, não era de muitos amigos, mas a maioria era menino. A história de vida de Lê e Wandinha têm muito de coragem e do tal do empoderamento feminino tão falado hoje em dia. Para ambas, “ser mulher é coisa séria e não é para qualquer um não”.

Lê, com apenas 18 anos, acabou engravidando de um rapaz de Jardinópolis que conheceu na sua cidade em Alagoas, e veio com ele para São Paulo na esperança de construir um lar. Mas, abandonada e com a filha de um ano nos braços, teve que enfrentar a vida. Trabalhou de doméstica em casas que davam pouso. Não quis voltar para a casa da mãe, pois “se sentiria uma derrotada, uma covarde”. Insistiu, até conseguir uma vaga de porteira no condomínio onde trabalha. “Eu sofri muito. Mas na hora que eu consegui arrumar um cantinho para mim e para a minha filha, nossa, foi a melhor coisa da minha vida. E daí para frente só foi melhorando”.

Já Wandinha teve mais oportunidades que Alessandra, o que não significa

que sua vida tenha sido fácil. Nascida e criada em Cajuru (SP), aos 16 anos, perdeu o pai em um acidente de carro. Era a caçulinha mimada do papai e teve que amadurecer da noite para o dia, pois precisava dar apoio para a mãe, já que seus irmãos, mais velhos, eram casados e moravam fora. Um duro golpe que não tirou o foco de buscar seu sonho: ser enfermeira.

Assim que terminou o Ensino Médio, mudou-se para Ribeirão Preto para fazer cursinho, mas não foi aprovada na primeira tentativa: nova demais e sem experiência. No ano seguinte, deu tudo certo. A mãe garantiu as despesas necessárias até à formatura, mas assim que concluiu os estudos, começou a trabalhar e se tornou independente, conheceu seu grande amor, Adelino (Lino), foram morar juntos e três anos depois, engravidou.

Mas, a vida ainda iria colocar muitos desafios para Wandinha. E ela tirou de letra, com muita fé, coragem, determinação e bom humor, características marcantes desta mulher. O primeiro golpe veio quando descobriu que estava grávida, ao mesmo tempo em que seu companheiro, diagnosticado com um aneurisma, foi submetido a uma cirurgia, e não resistiu.

SOFRIMENTO IMENSURÁVEL –

Além da perda, Wanda enfrentou problemas com a ex-esposa e a família de seu companheiro, pois não era legalmente casada com ele. Com a morte, depois de alguma luta, o financiamento da casa popular onde moravam foi quitado e, ali, começou a demanda na Justiça: advogados, idas ao Fórum, desrespeito, invasão de domicílio, houve de tudo um pouco. Levaram até quadros, aparelhos de som e de televisão, livros e discos de sua casa, colocando Wandinha diante de situações que quase a levaram ao aborto.

Mas ela não desanimou. Lutou pela criança que carregava no ventre. Era uma menina: Luiza. Assumiu o papel de mãe trabalhadora, sempre muito presente, muito zelosa. E mais: “Tinha tudo para ter ódio deles, mas graças a Deus nunca senti”.

Foram dois anos muito difíceis, que ainda culminaram com a morte de sua mãe e três meses depois, de sua avó. Mais só do que nunca, embora tivesse primas que lhe davam apoio, Wandinha continuou sua saga até ser reconhecida judicialmente como companheira de Lino. Com a herança da mãe, comprou



Alesandra é a primeira e única mulher porteira em condomínio no Jardim Iguatemi

a parte da casa que havia ficado como herança para a outra filha, do primeiro casamento, do marido falecido. Nas suas palavras: “Minha mãe me ajudou até depois de morta!”.

Anos depois, comprou um apartamento em um condomínio. Vale a pena reproduzir as palavras de euforia de quem venceu uma enorme batalha. “Nosso primeiro dia no apartamento foi um sonho. A Luiza tinha 12 anos. Foi uma festa. Parecíamos duas bobas. Eu tinha sofrido tanto para chegar até ali. Banheiro com azulejo e box! Quartos,

cozinha e sala amplos, lençóis novos. Nossa! Nem conseguimos dormir!”.

VITORIOSAS E AMIGAS – Nessa nova moradia no condomínio, a vida de Wandinha e de Alesandra se cruzaram. Quando se conheceram, Lê já era porteira, mas tinha superado muitos desafios até chegar ali. Havia se mudado de Jardimópolis para Ribeirão Preto depois que seu segundo marido faleceu em decorrência de um câncer. Viúva e com três filhas para criar, começou a fazer faxina no período da manhã, uma vez que seu turno na portaria do prédio

começa às 14 horas. Morar em Ribeirão também possibilitou a suas filhas oportunidades de estudo e emprego.

Segundo Alesandra, sua maior alegria são as filhas, suas parceiras e amigas. “Elas são minha família. Sou eu para elas e elas para mim”. Mesmo que agora tenha encontrado um companheiro que a completa e está feliz, as filhas ainda são sua prioridade.

A filha de Wandinha também é seu maior orgulho. Aos 16 anos, a adolescente já falava de morar no exterior, ideal que realizou aos 24 anos quando, formada, mudou-se para a Nova Zelândia. “Não sinto nenhum vazio com a ida da Luiza, estamos sempre juntas pela internet”.

As duas amigas orgulham-se de suas histórias. Sabem as batalhas que superaram e continuam cheias de sonhos. “Para quem chegou aqui sem nada, abandonada com uma criança de um ano nos braços”, Lê se sente vitoriosa e faz seus projetos. “Quero comprar minha casa e chego lá, se Deus quiser”.

Wandinha, com seu bom humor, aos 59 anos, agradece. “Tudo o que aconteceu, por pior que fosse, só serviu para me deixar mais forte, mais determinada. De menininha mimada e chata, fui até mais longe do que podia imaginar!”.

A CLASSE DO FEMINICÍDIO

DELEGACIA DA MULHER DE RIBEIRÃO PRETO RECEBE 90% DE DENUNCIANTES RESIDENTES EM BAIRROS DISTANTES DA RIBEIRÂNIA

ANA FEOLI

A Delegacia da Mulher de Ribeirão Preto está localizada na Avenida Costábil Romano, 3.230, na Ribeirânia, há cerca de cinco anos. Com 1.200 casos já registrados em 2019, o órgão evidencia um dado intrigante: 90% das denúncias são feitas por pessoas que moram fora do bairro ou em regiões próximas.

A Ribeirânia está localizada na zona leste da cidade e abriga uma população de classe média e média alta, pessoas que, em sua maioria, possuem mais acesso à informação. Além disso, o bairro contém também duas universidades privadas que proporcionam uma população estudantil muito volumosa.

Esse cenário põe em pauta os motivos que levam as mulheres a denunciarem casos de injúria e ameaça que, segundo dados da Delegacia da Mulher, representam quase 80% dos

registros, seguidos da violência física, o que ocasiona, em média, quinze boletins de ocorrência diariamente.

Policiais da Delegacia comentam que muitas vítimas de violência tomam a decisão de denunciar após contato com informações que mostram seus direitos de proteção. Esse dado revela que a educação e acesso à informação promovem o aumento do número de denúncias, ampliando a proteção às mulheres.

CONTRASTE – Apesar dessa evidência, a maioria das denunciante na Delegacia da Mulher residem em bairros periféricos, distantes de Ribeirânia.

Um atendente da Delegacia afirma que se tivesse que classificar os bairros que mais fazem denúncias, a região da Ribeirânia estaria em último lugar. “Hoje você deu sorte de conseguir sentar-se na sala de espera porque está chovendo e as vítimas têm dificuldades de se deslocarem até à Delegacia quando o tempo está fechado. Se fosse um dia de tempo aberto, você veria um cenário totalmente diferente.” Essa constatação comprova que a maioria das denunciante são de bairros da classe C e D.

“VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NÃO ESCOLHE CLASSE SOCIAL”

O transporte coletivo, que tem um ponto estrategicamente instalado na porta da Delegacia, traz mais denúncias que os carros de alto padrão das garagens dos bairros próximos à Delegacia.

Essa constatação revela que agressões às mulheres são mais faladas e expostas por aquelas que não têm muito o que perder. O poder aquisitivo acaba por calar aquelas que enfrentam a realidade de forma a preservar seus valores e aparências.

Segundo a delegada Luciana Renesto Ruivo, as mulheres da classe média não denunciam por medo da repercussão que a ação irá causar em seu círculo social. A delegada responsável conta que “as classes mais favorecidas esperam mais para ‘abrir a boca’”. Porém, segundo ela, a violência não escolhe classe social, mas tem classe social que escolhe não denunciar a violência.

MORADORES ASSUMEM PRAÇAS

ESPAÇOS ABANDONADOS PELO PODER PÚBLICO, COM LIXO E MATO ALTO, SÃO CUIDADOS PELA COMUNIDADE; PREFEITURA CRITICA A INICIATIVA

IGOR ABREU E
VICTOR FAUSTINO

Os bairros Nova Ribeirânia, Iguatemi e Jardim Presidente Médici possuem dez praças distribuídas em seus territórios. Projetados para o lazer da população, esses espaços estão rendendo preocupações para moradores que vivem no seu entorno. Por conta da situação precária, os munícipes reclamam do descaso da Prefeitura Municipal, que não faz a manutenção regular das áreas públicas.

É dever da Prefeitura realizar serviços de corte de gramado, capina de vegetação e rastelamento de folhas secas. Segundo a Divisão de Praças e Parques Públicos, pertencente à Coordenadoria de Limpeza Urbana da Prefeitura de Ribeirão Preto, a manutenção das praças e espaços públicos é feita pela Ecoterra Serviços de Limpeza Ltda., empresa terceirizada por meio de licitação.

O engenheiro agrônomo Carlos Henrique Alonso Toldo, da Divisão, explica que a poda da grama acontece de três a quatro vezes por ano em cada praça, enquanto capina e rastelamento dependem da disponibilidade orçamentária do contrato da licitação de 100 mil m² para cada serviço/ano. Já as podas de árvores são feitas quando constatada a necessidade pelo corpo técnico da Prefeitura.

ASSALTO NA MADRUGADA – Mas, os usuários desses espaços não enxergam assim. Débora Nunes, proprietária do trailler “As Meninas”, localizado na Praça Theodoro Papa, no bairro Iguatemi, diz que, em virtude da falta de segurança do local, seu estabelecimento já foi assaltado na madrugada, o que culminou com a perda de diversos instrumentos de trabalho.

Segundo Débora, devido à irregularidade do terreno, um idoso recentemente caiu, fraturou o joelho e teve que ser submetido a uma cirurgia. “A Prefeitura nunca vem realizar a limpeza. Nós, comerciantes e moradores do entorno da Theodoro Papa, fazemos a manutenção do espaço”, afirma.

Já na Nova Ribeirânia, em razão das frequentes reclamações à Prefeitura e à denúncia sobre o estado de conservação da Praça Antônio Emacura feita por um veículo de comunicação, o poder municipal está cumprindo seu papel na manutenção do espaço. Milton Pirani, morador do bairro, diz que uma vez por



semana, a Prefeitura realiza a limpeza da praça, mas ainda não melhorou totalmente porque eles fazem podas e não recolhem a grama e as folhas das árvores, ficando para nós, moradores, completarmos o serviço”. Conforme informa o poder público, as praças recebem varrições com frequências diferentes em função da disponibilidade orçamentária.

Outra praça, também na nova Ribeirânia, não recebe limpeza, segundo o morador Antônio Torres. O espaço em questão é a Praça Apamagis - Associação Paulista dos Magistrados. “O pessoal vem limpar o terreno de três em três meses. Eu, todos os dias, com a ajuda de um rapaz, que planta árvores na praça, sou quem poda as árvores, recolhe o lixo e varre o espaço. Falta participação dos outros moradores, já que a Prefeitura não cumpre seu dever”, explica.

Enquanto a maioria das praças desses três bairros sofre com o descuido por parte do poder público, Inês Moura, e sua amiga Ana Lúcia, uniram-se para revitalizar a Praça Júlia Rosa Papa Jamal, no cruzamento das ruas Antonieta Rigobelo Canesin e Dr. Joaquim Estanislau de Gusmão, no bairro Jardim Presidente Médici.

UNIÃO DA COMUNIDADE – Esse foi o pontapé primordial para dar nova identidade à praça. “Tudo surgiu quando a Ana Lúcia, que na época sofria com depressão, deu a ideia de deixarmos o espaço mais apresentável. Na hora, não hesitei. Hoje, nossos maridos nos ajudam com a limpeza do terreno, além de diversos outros moradores que contribuem com plantas, pneus e latinhas para a decoração. E o mais importante: minha amiga está muito mais feliz!”.

Conforme o engenheiro Alonso Toldo informa, o caso específico da Praça Júlia Rosa Papa Jamal “representa uma ação pontual dos moradores realizando plantios de espécies de forrações de forma desordenada e sem autorização do poder público”.

Segundo ele, os serviços de corte do gramado e poda do arvoredo são realizados sempre que necessários. “O risco de queda de galhos ou da árvore inteira são priorizados”. O engenheiro também explica que o prazo para atendimento depende dos recursos disponíveis nos contratos com a Ecoterra.

Toldo explica que eventos climáticos e até mesmo culturais podem exigir manutenção acima do que estava inicialmente programado. Com isso, as metragens contratadas pela Prefeitura podem não ser suficientes para atender toda a demanda. “Existe a necessidade de mais recursos financeiros, porém, o orçamento anual é definido pelo Executivo, com a aprovação da Câmara Municipal”.

Apesar da crítica feita por Toldo à iniciativa de Inês e Ana Lúcia, de forma geral, a Prefeitura apoia a iniciativa dos moradores em cuidar e revitalizar as áreas. Quando solicitada, a Divisão de Praças e Parques até mesmo faz orientações técnicas. A iniciativa privada também pode participar de revitalizações de locais públicos por meio do Programa Verde Cidade. Atualmente, há quinze praças contempladas com essa parceria, três parques e vários canteiros centrais da cidade.

SERVIÇO – Para relações e solicitações de manutenção de terrenos públicos, acesse o site da Prefeitura, na aba “Fala Cidadão”, ou ligue no 156.

DISPARIDADE ENTRE PRAÇAS PÚBLICAS

PRAÇAS EM MÁS CONDIÇÕES NA RIBEIRÂNIA SÃO EM NÚMERO MAIOR DO QUE AS BEM CUIDADAS

MARCELO CARVALHO

Na Ribeirânia, o maior dos quatro bairros que circundam a Unaerp, constam oito praças, segundo informações da Divisão de Praças e Parques Públicos. Mas, na realidade, há somente quatro estão nesse bairro, pois as outras quatro pertencem à Nova Ribeirânia.

A maior, mais bem conservada e equipada é a praça Santa Terezinha Doutora localizada entre as avenidas Maurílio Biagi e Presidente Kennedy, em frente à paróquia do mesmo nome. Quase um pequeno parque, ocupa uma larga extensão de 18.088 metros quadrados, bem arborizados e cuidados. A praça tem área para caminhadas e iluminação, o que permite que os frequentadores visitem o local até mesmo no período noturno.

A dona de casa, Rozeli Quintero, costuma frequentar Santa Terezinha Doutora para caminhar, pois é bem próxima à sua casa. Segundo ela, o local não é muito movimentado. As poucas pessoas que a frequentam são os moradores vizinhos.

Essa área verde é uma praça pública agradável e tem também uma academia ao ar livre, com equipamentos em bom estado de manutenção. Os frequentadores praticam exercícios, caminham e passeiam aos finais de tarde, aproveitando o espaço público.

PARQUINHO PRECÁRIO – Ao contrário desta, a Praça da Lua Cheia, também na Ribeirânia, localizada entre as ruas Reinaldo Dinamarco, Arthur Palma Franco, Edmo Bernardes de Mello e avenida Leão XIII, não recebe o mesmo cuidado. Instalada 650 metros à frente do Hospital Electro Bonini, o nome oficial é Praça dos Advogados, mas nem os frequentadores e nem os aplicativos de mapas e trajetos a indicam dessa forma.

Essa área verde é praticamente o oposto da Santa Terezinha Doutora. Não é muito movimentada, não conta com muitos bancos ou academia ao ar livre e, apesar de oferecer uma gangorra e um roda-rodinha para a diversão das crianças, é evidente que suas condições são bem precárias.

Um morador, vizinho dessa praça, é Eder Cabral. Residente do bairro, ele frequenta a Lua Cheia desde criança, embora hoje não tanto quanto antes. Cabral agora leva sua pequena filha Sofia Cabral durante o dia para curtir um pouco do que o local ainda pode oferecer.



No mesmo bairro uma praça bem cuidada e as demais, abandonadas

Segundo ele, a Praça da Lua Cheia até dispõe de uma boa iluminação à noite, porém a segurança é duvidosa devido às pessoas que a frequentam nesse período. Como disse, “é a galera da fumaça”.

PLACAS PICHADAS – Há também uma pequena praça entre as ruas Francisco Riccioni e Jerônimo Panazzolo, caracterizada por uma estradinha de cimento que a corta inteiramente. Essa área, que possui algumas árvores, fica entre duas casas e se encontra em estado precário por conta das paredes e placas pichadas, piso sujo, terra e grama desnivelados. Apesar de não contar com aparelhos de exercício físico há bancos distribuídos por ela e postes de luz espalhados, tornando-a relativamente iluminada à noite, porém a luz alaranjada e fraca ainda deixa alguns cantos na escuridão.

Já a praça Itália (ou Valter Strambi, como também é denominada), ao contrário da anterior, conta com boa iluminação durante a noite, o que inclusive possibilita que alguns ônibus de estudantes que vêm de outras cidades para a Unaerp, estacionem por perto para esperar o final das aulas.

Porém, falta manutenção no local. A grama está desnivelada, há galhos de

árvores caídos, muitas folhas no chão e algumas árvores têm até objetos e materiais perdidos entre seus galhos, como grandes pedaços de papelão, por exemplo. A praça não tem bancos ou aparelhos de academia ao ar livre e sobra alguma sujeira aqui e ali.

Além das praças, a Ribeirânia também tem áreas verdes entre os quarteirões, conforme seu projeto urbanístico original. Deveriam ser jardins, porém, muitos foram fechados pelos vizinhos ou estão ocupados por estacionamentos e outras instalações. Alguns até mesmo têm o chão coberto de pedra brita.

COMO ERA PARA SER - A Ribeirânia foi planejada para ser estritamente um bairro residencial, estilo jardim, com ruas sem saídas e cinco áreas voltadas ao comércio. O presidente da Associação dos Moradores da Ribeirânia (AMOR), Ivens Alves, diz que nos últimos tempos o crescimento desenfreado do comércio descaracterizou o bairro e, ao invés de valorizar, acabou desvalorizando muitos imóveis. “A Ribeirânia foi desestruturada, o comércio se instalou nas principais avenidas e trouxe muitos problemas de relacionamento para a vizinhança. Não só eu, mas muitos moradores têm saudades de quando o bairro era respeitado como residencial”.

PÍLULAS DA NATUREZA

AMBIENTES NATURAIS COMO O PARQUE CURUPIRA REDUZEM ESTRESSE, MELHORAM O BEM-ESTAR E A QUALIDADE DE VIDA

KARLA RODRIGUES

O parque Prefeito Luiz Roberto Já-bali, mais conhecido como parque Curupira, é considerado a maior área pública de lazer de Ribeirão Preto. Inaugurado em 2000, o local é um espaço democrático, possibilitando várias atividades. Nas manhãs de domingo é comum encontrar pessoas caminhando, meditando, fazendo piquenique, divertindo-se com toda a família. Mas, não é apenas lazer que o parque proporciona. Os frequentadores também podem alcançar melhor saúde mental, essencial para desempenhar as funções do cotidiano.

Essa melhoria pode decorrer de fatores próprios dos espaços verdes. Em locais arborizados, o ar é mais puro. As árvores consomem o dióxido de carbono (CO₂) da atmosfera e liberam o oxigênio (O₂), o gás que respiramos. Desse modo, a oxigenação do corpo aumenta, ampliando as ondas cerebrais. O neurotransmissor chamado serotonina, entra em equilíbrio, proporcionando relaxamento e bem-estar instantâneos.

Outra explicação é feita por um estudo publicado na *Frontiers in Psychology*. Tirar pelo menos vinte minutos do dia para estar em ambientes naturais re-

duz significativamente os níveis de cortisol, o hormônio do estresse. O cortisol foi medido a partir de amostras de saliva antes e depois, obtendo o resultado. Para o biólogo e ambientalista Dênis Felipe, a diminuição do estresse ocorre em consequência da desaceleração cerebral provocada pelo contato com o som da natureza em contraposição aos ruídos constantes no meio urbano.

Felício Bombonato, com formação em programação neurolinguística e também como taoísta especializado em saúde e longevidade, ministrou aulas de tai chi chuan durante dez anos no Curupira. O mestre afirma que “o contato com a natureza traz benefícios, como quietação da mente, bem-estar e sensação de plenitude, além da manutenção da nossa saúde física, que é um reflexo da nossa saúde energética, emocional e mental”. Para o professor a natureza acalma o coração e “isso gera hormônios de prazer que por sua vez geram harmonia orgânica”.

Enquete realizada por esta reportagem constatou que a cada dez frequentadores, nove sentem sensação de paz ao estarem no Curupira. Uma delas, a professora aposentada Adelaide Guimarães, diz que “recarrega as energias, traz uma sensação de paz, de tranquilidade, é muito legal”. Já a empresária Fabiane Assumpção, frequentadora aos fins de semana fala que quando vai ao parque, “percebe a paz, a tranquilidade, escuta os animais, vê a natureza. É um momento em que se distrai”.

O Curupira atrai tanto os ribeirões quanto visitantes da região. A área ampla conta com academia ao ar livre, brinquedos para crianças, locação de bicicleta, lanchonete e feiras, estas localizadas no estacionamento. Além disso, é possível observar aves, peixes, macacos, entre outros animais de pequeno porte. O parque funciona das 6 às 20 horas, de segunda-feira a domingo, com entrada gratuita.



INVASÃO FELINA NA RIBEIRÂNIA

GATOS DE RUA CORREM RISCO DE VIDA E PODEM TRANSMITIR DOENÇAS

FERNANDO LOPES

Aproximadamente 139,3 milhões de brasileiros têm animais de estimação, mas segundo pesquisa da OMS (Organização Mundial da Saúde), estima-se que haja cerca de 30 milhões de animais abandonados no Brasil, gerando problema de saúde pública.

Essa situação de abandono está acontecendo na Ribeirão, onde é possível ver gatos circulando livremente, principalmente no famoso “Pico da Unaerp”, muito frequentado pelos estudantes da Universidade.

O ambiente calmo e fresco do local e a comida deixada pelos moradores e visitantes atraem os bichos. Mas, o ato de

alimentar os felinos não é o mais indicado, como explica a presidente da AVA (Associação de Vida Animal), Maria Cristina Dias. Segundo a cuidadora, os felinos acabam ficando naquela região por estarem sendo alimentados, o que inclusive, colabora para a procriação, pois a principal preocupação do gato é se alimentar, ao invés de procriar. Como naquele local há comida fácil, o número de filhotes tende a aumentar. “Se eles não tiverem comida fácil, vão ter que caçar, o que vai impedir de procriarem tanto”, explica.

A presidente do AVA ainda diz que a melhor forma de solucionar esse problema é por meio da castração e demarcação do animal, havendo assim um controle populacional. Ela complementa dizendo que não cabe somente às ONGs e à população ajudarem na solução do problema. “Os órgãos públicos, apesar de saberem dos riscos aos

animais e à saúde pública, acabam fechando os olhos e ignorando o assunto”, denuncia.

O empresário e morador da Ribeirão há oito anos, Juliano Ferrari, relata que os gatos já estão na região há muito tempo e para resolver esse problema é necessário que a Prefeitura se junte com alguma ONG para recolher os bichos e realizar a castração.

Vale ressaltar que os gatos estão sempre correndo risco de vida, pois além das doenças, como sarna, vermes e outros, também podem ser atropelados, atacados por cachorro e até mesmo envenenados por pessoas que não gostam de vê-los circulando nas imediações.

O abandono ou maus tratos aos animais é crime, segundo o Art. 32 da lei 9605/98, a legislação de proteção dos bichos. O indivíduo que cometer tais atos tem como pena prevista de três meses a um ano de prisão, mais multa.

AULAS DE SUPERAÇÃO

PROJETO DE INCLUSÃO OFERECE ATIVIDADES ESPORTIVAS GRATUITAS A PORTADORES DE DEFICIÊNCIA

RASSIOS MIRANDA

O “SuperAção” oferece aulas gratuitas de modalidades esportivas e dá oportunidade para portadores de deficiência praticarem esporte em Ribeirão Preto. A estrutura do centro poliesportivo da Unaerp está abraçando o projeto e incentiva a prática do basquete sobre rodas, futebol de sete, parabadminton e a natação.

Realizado pela APEC (Associação Pró Esporte e Cultura), entidade sem fins lucrativos, por meio da captação de recursos de empresas apoiadoras e da lei de incentivo à saúde do Pronas (Programa Nacional de Apoio à Atenção da Saúde de Pessoas com Deficiência), o programa está na segunda edição.

O professor Erik Bueno de Ávila, auxiliar operacional do projeto pela APEC, explica que a parceria com a Unaerp foi rápida e acessível. “Ganha a APEC e ganha a Unaerp por essa parceria que torna possível mais um ‘SuperAção’”. Erik destaca, ainda, o fato de a Universidade estar localizada muito próxima a três importantes entidades de atendimento ao portador de deficiência: Centro de Educação Especial Egydio Pedreschi; APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais de Ribeirão Preto) e o Centro Ann Sullivan do Brasil. Essa proximidade facilita a locomoção entre as instituições e o campus da Unaerp.

Para Ávila, Ribeirão Preto está entrando em uma rota importante de apoio a portadores de deficiência. “Essas pessoas, muitas vezes, não têm atividades extras, além de escola, ou extracasa. O projeto ‘SuperAção’ vem cobrir uma lacuna”.

ESPÍRITO COMPETIDOR – Entre os professores que integram o time do projeto “SuperAção” está o educador físico Maurício Pessoa. Bacharel em Educação Física pela Unaerp, é professor de natação há mais de 45 anos. Apaixonado por esporte, Pessoa compete em piscinas há mais de 17 anos e coleciona por volta de mil medalhas. É decacampeão brasileiro e atual recordista sul-americano na categoria 50 metros livres na piscina.

O professor relata que o principal não é formar campeões, mas sim que os participantes se socializem e sintam-se incluídos. “A inclusão é mais importante que tudo aqui”.

Mesmo assim, Maurício, com seu espírito competidor, não deixa de ressaltar a importância de incentivar a



vontade dos participantes competirem futuramente. “Não necessariamente precisa ser campeão. O importante é participar e estar motivado”.

Maurício Pessoa conta que é a primeira vez que encara um desafio como esse, já que a natação, dentro do “SuperAção”, é um esporte possível a pessoas com todos os tipos de deficiência. “Estamos sempre aprendendo algo novo, isso é o mais importante”. Ele conta, ainda, que para manter a motivação dos participantes e fazer com que os alunos tenham vontade de voltar, sempre prepara as aulas com novos exercícios. “A novidade traz motivação a eles”.

MOTIVAÇÃO EXTRA – Carlos Henrique Machado, 51 anos, praticou natação como atleta dos 13 aos 45 anos, quando perdeu a visão devido a um deslocamento de retina. Estava há seis anos sem fazer o que mais gosta: nadar.

Com o “SuperAção”, ele pode voltar a praticar e já mostra muita empolgação. “Quando eu soube do projeto, fiquei muito entusiasmado, pois vou melhorar minha mobilidade, além das novas amizades que farei aqui”. Machado já tem planos de voltar a competir. “Tenho um objetivo. Através do professor Maurício, quando eu atingir os níveis de competição, quero voltar a competir como atleta”.

Sarah Augusta Ramos Seki, 20 anos, tem baixa visão desde os 18, devido a um câncer e hidrocefalia. Mas, isso não afetou sua motivação para continuar nadando. “Encaro numa boa e não chega a ser uma dificuldade. Minha deficiência me trouxe ainda mais vontade de continuar no esporte”. Sarah destaca a importância de o projeto “SuperAção” reunir profissionais da educação física

que dedicam “um pedaço de seus tempos para ajudar a gente”. A aluna ainda se mostra muito motivada em conviver e conhecer pessoas com outras deficiências dentro do projeto.

A técnica da equipe de natação da Unaerp, Lisiane Destro, ressalta como esta modalidade desenvolve uma melhoria na coordenação motora, além de trabalhar com todos os aspectos de força e flexibilidade, sendo um esporte completo. Durante o nado, os alunos utilizam braços e pernas, desenvolvendo membros e musculatura praticamente durante todo o tempo. Além disso, não há impacto.

QUEBRA DE PARADIGMA – Segundo o coordenador do poliesportivo da Unaerp, Daniel Diniz Bertoni, responsável pelos projetos e eventos no espaço, “a Universidade tem um olhar muito amplo sobre os trabalhos que beneficiem pessoas portadoras de alguma deficiência”. Diz ainda que a parceria entre APEC e Unaerp “vem somar muito e foi boa para todo mundo”.

De acordo com Daniel, é essencial o reconhecimento de que o esporte é um caminho de benefícios imediatos. Ele destaca a importância de o “SuperAção” gerar inclusão e conscientização das pessoas com alguma deficiência que, talvez, se sintam incapazes de praticarem um esporte. “Essa população, vendo outros praticando num projeto como o ‘SuperAção’, modifica totalmente o conceito de incapacidade, sentindo-se pertencentes e ativos”.

O coordenador conclui que “a importância de um projeto como esse é a quebra do paradigma de que os deficientes não podem praticar esporte. Eles podem e devem, sim, praticar.”

DIFICULDADES NA VIDA ACADÊMICA

INGRESSO NA UNIVERSIDADE
PROVOCA DESAFIOS PARA
ESTUDANTES

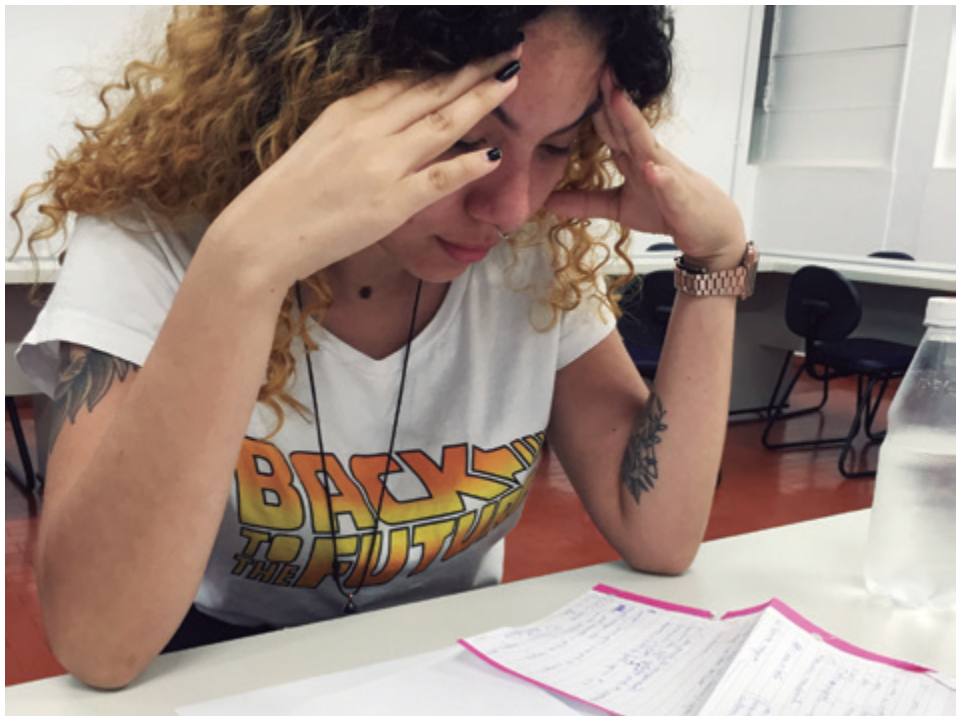
VICTOR CUSTÓDIO

A passagem para o ensino superior pode gerar repercussões no equilíbrio psicológico dos jovens estudantes. A chegada à universidade representa, muitas vezes, a primeira tentativa importante de alavancar uma identidade autônoma, por meio da escolha profissional, que é uma tarefa típica da passagem da adolescência para a vida adulta. Especialmente nos anos iniciais, e para aqueles jovens que concluem o ensino médio e ingressam logo em seguida em um curso superior, a universidade tem um impacto que vai além da profissionalização.

Metade dos jovens universitários brasileiros já passaram por algum momento de crise emocional e, além disso, a depressão atinge cerca de 15% dos estudantes, segundo dados da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). A média geral de quem não enfrenta dissabores na vida acadêmica é de apenas 4%. Outro estudo, desta vez publicado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), aponta que 41% dos estudantes brasileiros de Medicina sofrem do mesmo mal. Mais um levantamento, também feito pela USP, demonstra que um em cada três alunos de pós-graduação sente-se deprimido ou ansioso.

MEDO DAS MUDANÇAS – A entrada na universidade implica uma série de transformações nos ciclos de amizade e de apoio social dos jovens estudantes. Geralmente, até ao término do ensino médio, uma significativa parcela da vida dos adolescentes gira em torno da escola, pois é nela que passam a maior parte do tempo. Nesse ambiente, costumam ter a maioria dos amigos, a segurança de professores conhecidos e a cobrança de desempenho e responsabilidade, sob pena de punições diversas. Outro fator é que, nessa fase, os adolescentes residem com os pais, tendo-os como retaguarda e apoio, na maioria, incondicionais.

O mundo universitário, por outro lado, é bem menos estruturado do que o ambiente escolar vivenciado até então. Os colegas não são mais os mesmos e há necessidade de estabelecer novos vínculos de amizade. Enquanto tais vínculos não acontecem, o jovem conta apenas com seus próprios recursos psicológicos e o apoio das redes formadas



anteriormente, como amigos do colégio e família, para enfrentar eventuais dificuldades que possam surgir pela frente. Ajustar-se à universidade implica, assim, em integrar-se socialmente com as pessoas desse novo mundo, participando de atividades sociais e desenvolvendo relações interpessoais satisfatórias.

Breno Marcon, 19 anos, estudante do curso de Administração na Unaerp, revela que sentiu muita pressão ao entrar para a vida acadêmica, ressaltando o apoio dos pais para a escolha do curso de Administração. “Um pessoal falava que era só festa, como se fosse só curtir, mas quando eu vi o tanto de trabalho, dei uma assustada”, resalta. O estudante afirma estar conectado com o curso e bastante integrado com a faculdade e amigos.

ESCOLHA PROFISSIONAL – Porém, essa vivência não ocorre com todos e uma escolha errada pode provocar um caos na vida do calouro. Brunna Rocinholli, 22 anos, também da Unaerp, é prova disso. A atual estudante de Publicidade e Propaganda relata que após o ensino médio, sofreu uma grande pressão dos pais para ingressar em algum curso superior. A estudante optou pelo curso de Direito, mas não obteve sucesso.

Logo no primeiro semestre, descobriu que não se identificava com o curso e pensava estar perdendo tempo. “Meus pais amavam o Direito, porém não era algo em que eu me encaixava. Na faculdade eu me sentia excluída, não fazia o perfil da galera e muito menos do curso”, relata. Após conhecer

o curso de Publicidade e Propaganda, Brunna se encontrou e atualmente está no seu último ano.

CONFIANÇA E AUTOESTIMA –

Fernanda Zeoti, psicóloga, professora e doutora em Psicologia, analisa esse caso como mudança e necessidade dos jovens atuais, levando em consideração o repleto catálogo de informações disponíveis a essa nova geração e a velocidade das transformações na sociedade contemporânea.

Esse contexto e a pressão da opção profissional trazem mais estresse e vivência emocional ruim aos jovens. Segundo a psicóloga, a escolha da profissão pode acontecer em um momento no qual a pessoa ainda não possui conhecimento, tanto do mundo, como das suas próprias preferências.

Para a profissional, o autoconhecimento nessa fase é algo imprescindível, pois é o período mais delicado pelo qual o adolescente passa. “A confiança e a autoestima desse adolescente nesse momento é uma das coisas mais importantes, assim como a observação diária dos pais nessa fase”, afirma.

O suporte da família é fundamental para aliviar a pressão social natural nessa fase da vida. Segundo Fernanda Zeoti, muitos pais induzem os filhos a cursar uma área que eles aprovam. Se o filho ceder, há muitas chances de sofrer consequências psicológicas graves. Somando-se todos esses fatores, os jovens universitários enfrentam desafios para os quais não estão preparados e podem cair na estatística das depressões severas ou dos altos índices de desistência de cursos e recomeços.



O FUTURO CHEGOU

A MODERNIZAÇÃO DO FUTEBOL CHEGA AO INTERIOR E TRANSFORMA A EXPERIÊNCIA DO TORCEDOR NO ESTÁDIO SANTA CRUZ

PEDRO GROSSI

Em uma época em que grandes clubes de futebol do Brasil renovam seus estádios se inspirando em modelos avançados da Europa, o torcedor ganha um leque de incentivos para comprar um ingresso e passar 90 minutos apoiando o seu time do coração. Allianz Parque, Arena do Grêmio, Castelão, de norte a sul do país, os principais estádios brasileiros se modernizaram após a Copa do Mundo, em 2014. E, finalmente, a tendência chega ao interior de São Paulo.

O Botafogo Futebol Clube inaugurou, em junho deste ano, o espaço Arena Eurobike no estádio Santa Cruz, que trouxe para Ribeirão Preto um espaço modernizado para o fã de futebol. O advento das mudanças vem acompanhado da euforia do centenário do clube e do acesso à Série B do Campeonato Brasileiro, comemorados em 2018.

“Com certeza veio em um momento memorável do clube, aproveitando toda a animação de podermos disputar a Série B”, diz o jornalista Vinicius Brino, torcedor e frequentador assíduo do Santa Cruz. Ele afirma que as novas instalações mexem até com a ambição do torcedor. “Com essas luzes, bares, assentos e tanto espaço moderno, a gente sonha até com a primeira divisão do Brasileirão”.

REASCIMENTO – Tem sido uma estrada árdua ao Botafogo nesta década. Até 2015, o clube não figurava entre

os principais times do país e buscava um maior protagonismo no cenário nacional. Mas, a partir da segunda metade da década, vieram o título do Campeonato Brasileiro da Série D, boas campanhas no Campeonato Paulista e, enfim, a Série B do Brasileirão.

A criação da empresa Botafogo S/A, cujos representantes são empresários que já atuaram em clubes como Santos e São Paulo, é a responsável pelo planejamento e pelas recentes reformas, que durou 302 dias a um custo de R\$17 milhões. São dois novos bares, lounge VIP, espaço kids, 34 suítes, 13 camarotes, 15 mil novos assentos e uma área exclusiva para shows, com novas instalações ainda por vir.

A empresa esportiva de gestão e marketing, 2morrow Sports, foi contratada em 2014 para elaborar o novo plano sócio-torcedor, o Botafanáticos. Atualmente, o plano é oferecido em cinco modalidades, sendo quatro delas destinadas aos novos setores da Arena (Bronze, Prata, Patrimonial e Ouro), que vão de R\$24,90 a R\$60 por mês.

“Eles estavam precisando de algo mais específico, que aumentasse a média de público e faturamento. Hoje, chegamos a 8 mil sócios ativos e estamos contribuindo para a ascensão do clube”, conta Guilherme Camacho, diretor comercial e de marketing da empresa. Ele ainda ressalta que os planos de sócio-torcedores foram readaptados para a arena, com benefícios para quem quer acompanhar de perto o Botafogo Futebol Clube.

Desde então, o clube vem colhendo os frutos das parcerias feitas e do desempenho em campo que a equipe vem entregando. “Mostra a grandeza do Botafogo em comparação com outros clubes da região. Que outro time aqui por perto do interior tem uma

fachada dessas para mostrar em rede nacional?”, questiona Brino, em alusão à extensa entrada do novo espaço, que evidencia o vermelho, preto e branco do tricolor ribeirão-pretano.

EMPECILHO – No entanto, o novo espaço destinado aos torcedores encontrou o primeiro obstáculo desde a sua inauguração. O clube, através da S/A, terá que pagar uma multa de R\$80 mil por descumprir o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) feito junto ao Ministério Público, sobre medidas obrigatórias do Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros (AVCB) ainda não concluídas no local.

A causa da multa foi a realização do show das bandas internacionais “Information Society” e “Double You”, em 20 de setembro. De acordo com a promotora, o evento não deveria ter sido liberado ao público pelas falhas nas normas de segurança do espaço. Como consequência, o acesso dos torcedores à Arena Eurobike se manteve interdito desde 24 de setembro.

A aprovação do espaço da nova arena pelo Botafogo S/A veio somente em 4 de novembro, 43 dias após a interdição do local. A vistoria do Corpo de Bombeiros foi liberada e será realizada até o último mês do ano. Em nota divulgada logo após ao anúncio da interdição, o clube havia prometido investir R\$1,5 milhão nas obras de renovação e adaptação da arena.

Porém, como restam apenas dois jogos à equipe como mandante na Série B, o espaço só deve ser liberado ao público em janeiro de 2020, para a realização dos jogos do Campeonato Paulista. Recentemente, a banda inglesa “McFly” anunciou um show na Arena Eurobike, em 24 de março do ano que vem, como parte de sua turnê pelo Brasil.

DA MEMÓRIA ÀS PRATELEIRAS

LOJAS DE ANTIGUIDADES COMERCIALIZAM OBJETOS E SUAS HISTÓRIAS, LEMBRANÇAS E EMOÇÕES



Coleção de bonecas inspirada na primeira revendedora da Avon nos EUA à venda em antiquário

TAINÁ LOURENÇO

O que uma coleção de bonecas, um livro antigo e um brinquedo têm em comum? O poder de guardar memórias e contar histórias. São peças de família que carregam em si lembranças, contos de épocas vividas e registros, muitas vezes, centenários. São relíquias, mas muitos estão à venda em lojas e espaços de antiguidades. Talvez por estarem de mudança, em busca de mais espaço livre, ou até mesmo para obter alguma fonte de renda extra, familiares dispõem desses tesouros que valem mais do que aparentam.

Foi assim que a coleção de bonecas Miss Albee chegou às prateleiras da loja Mancebo, de Dejaïne Alves da Silva, no Jardim Palma Travassos. A boneca era um prêmio concedido pela Avon para as revendedoras que conseguissem faturar, por mês, de 3 a 4 mil dólares em produtos. É inspirada em Persis Florence Eames Albee, a primeira revendedora da Avon, antes mesmo de a marca vir a ter esse nome.

Com vestidos pomposos, um chapéu da época e uma maleta cheia de cosméticos, Florence batia de porta em porta oferecendo os produtos para os norte-americanos que a atendessem. Isso por volta de 1886, numa época em que as mulheres não tinham nem mesmo direito ao voto e a única ocupação aceitável era ser dona de casa. Mas não Albee. Ela não aceitava esse papel feminino e, sozinha, criou uma companhia inteira de revendedoras que levaram a Avon, marca de seu amigo David McConnel, às proporções internacionais conhecidas até hoje.

VIAGEM AO PASSADO – Mas nem todas as peças são como Albee, com histórias protagonizadas por grandes personagens. Na maioria das vezes, elas acumulam outros valores, como a capacidade de transportar os espectadores às lembranças do passado, às brincadeiras da infância ou até mesmo aqueles objetos que toda avó tem. Ou ainda, podem levar seus apreciadores a um novo tipo de país das maravilhas, cheio de curiosidades

e peculiaridades, como acontece, com alguma frequência, na feira de antiguidades coordenada por Wlysses Ricardo de Oliveira, no Novo Shopping, na Ribeirão.

Oliveira tem muitas histórias para contar. São memórias carregadas pelas peças que vende e pelos compradores das antiguidades. Numa dessas, ele relata a coincidência ocorrida há oito anos, ao atender dois irmãos que compraram um livro antigo e se depararam com uma foto dos anos 1950. “A imagem no livro era de alguém que se parecia muito com um amigo da dupla. Ao ler a legenda nos surpreendemos com a coincidência de que o personagem da foto de décadas atrás tinha o mesmo nome que o atual conhecido daqueles dois clientes”, conta.

HISTÓRIA DE VIDA – Os objetos não trazem apenas curiosidades. O antigo também comove aqueles que param para observá-lo, vez ou outra com lágrimas nos olhos. Ricardo assiste momentos assim. Num deles, uma senhora chorou na banca do vendedor, ao encontrar ali um antigo brinquedo. Sim, um brinquedo.

O coordenador da feira relata que a cliente recordara-se que aquele havia sido o último presente comprado por seu pai para o irmão, poucos dias antes de morrer. “Tem muita gente que passa por aqui e diz que tinha determinado objeto na infância ou na casa da avó e por isso decide comprar. Nem todos que se interessam são colecionadores e isso é o mais legal da feira, quando a pessoa se identifica com a peça e com sua história de vida”. Como aquela senhora que, com os olhos marejados, levou a pequena recordação para mais uma vez presentear o irmão.



Antiguidades, na Arnaldo Victaliano, levam apreciadores a uma viagem no tempo